

Tessitura de Nós. Escrevivências

Conceição Evaristo¹

8

Resumo

A conferência² transcrita³ versa sobre o valor de uma escrita construída sobre ações que ocorrem no coletivo, escrita que pode ser condensada na complexidade do sentido de *escrevivência*, como forma, caminho ou ferramenta para viabilizar textos de mulheres negras e de suas experiências de vida. O termo *escrevivência* liga-se ao corpo negro, em especial, ao corpo das mulheres negras escravizadas e, particularmente, à figura da Mãe Preta, como uma imagem-gênese que se demonstra como elemento fundamental de revisão do passado e da cultura brasileira. Se o espelho de Narciso nunca acolheu o rosto das mulheres negras, foi preciso buscar elementos de outras culturas, para além das eurocêntricas, como suporte teórico para que a leitura dos textos possa ocorrer com a ajuda do espelho de Oxum, que permite ao olhar construir subjetividades e adquirir dignidades com amplo alcance da cosmologia africana e afro-brasileira.

Palavras-chave

Escrevivência; Corpo; Cultura Afro-brasileira; Mulheres Negras.

Recebido em: 02.07.2026

Aprovado em: 14.07.2026

¹Conceição Evaristo (Maria da Conceição Evaristo de Brito) é renomada linguista e escritora brasileira. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC Rio e Doutora em Literatura Comparada pela RFF. Uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, com publicações em vários gêneros, como poesia, romance, conto e ensaio. Suas obras abordam temas sobre racismo, desigualdade social, identidades, memória. Criadora do termo *escrevivência*, na forma de seu uso, como conceito literário, acerca da vivência de mulheres negras e ancestrais na literatura. Entre seus livros podem ser citados: Ponciá Vivência (2003), Becos da Memória (2006), Olhos D'água (2014), Histórias de Leves Enganos e Parecenças (2016), Canção para Ninar Menino Grande (2018), Poemas da recordação e outros movimentos (2017). Sua Dissertação de Mestrado, datada de 1994, tem como título: Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasildade, com publicação pela Editora Pallas, 2026. Foi vencedora do Prêmio "Intellectual do Ano" (Troféu *Juca Pato*) concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE) de 2023, pela obra *Canção para ninar menino grande*, e Prêmio *Jabuti* (2015, pela Obra *Olhos D'água*). Eleita "imortal" da Academia Mineira de Letras (2024) ocupando a Cadeira nº40. Foi pesquisadora visitante na UFF e titular da Cátedra *Olavo Setúbal* na USP (2022).

² Esta conferência ocorreu na sede da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), em 30 de setembro de 2025.

³ A transcrição foi realizada pela Giovana Milena Faria Paiva, estudante do Curso de Pedagogia da FaE/UEMG. E-mail: giovana.0295892@discente.uemg.br

Weaving Us. Writing-living

Abstract

This lecture explores the value of a mode of writing grounded in collective action, a practice encapsulated in the rich and multifaceted concept of *escrevivência* (“writing-living” or “life-writing”), understood as a form, a pathway, and a tool for making possible the expression of Black women’s texts and lived experiences. The concept of *escrevivência* is deeply connected to the Black body, especially the bodies of enslaved Black women, and particularly to the figure of the *Mãe Preta* (“Black Mother”), which emerges as a foundational image for reinterpreting both Brazil’s past and its cultural formation. If the mirror of Narcissus has never reflected the faces of Black women, it becomes necessary to seek theoretical foundations beyond Eurocentric traditions. In this context, the mirror of Oxum offers an alternative hermeneutic framework, enabling readers to approach these texts through a perspective that affirms subjectivity, restores dignity, and draws upon the broader cosmological horizons of African and Afro-Brazilian traditions.

9

Keywords

Writing as a Lived Experience; Body; Afro-Brazilian Culture; Black Women.

Boa noite a todas, a todes e a todos!

Todo o agradecimento que a professora Constância Duarte fez são também os agradecimentos que eu faço. E faço um agradecimento especial à professora Constância Duarte, porque foi ela que fez toda a tessitura para eu conseguir chegar aqui. Tanto chegar aqui nessa sala hoje, como chegar também ao título que eu recebi ontem: Doutora *Honoris Causas* pela UFMG. A professora Constância e o professor Eduardo de Assis foram e são sempre, na minha vida, o pivô do “crime”. Sem sombra de dúvida também quero agradecer a presença do presidente da Academia Mineira de Letras, professor Jacyntho Brandão, aqui na sala, e do acadêmico Rogério Faria Tavares.

10

Tessitura de nós

Nós sabemos da importância do espaço acadêmico, uma importância que não é só para mim, não tenho inibição em dizer que a importância é também para as mulheres negras. E com a certeza absoluta que as mulheres negras se sentem representadas neste momento. Esse é um compromisso do qual eu não abro mão. Eu me lembro que estive aqui na UEMG, não foi nessa unidade. Foi quando *Olhos d'Água* foi leitura indicada para o vestibular em 2016.

Constância, vou começar pela sua reflexão. Quando você diz o termo “tessitura”, que nomeia o grupo, “Tessituras de Nós”, achei importante esse “nós”, porque “nós” indica um sujeito coletivo. E quando você falou “tessitura”, também fui para algo que todos nós mineiros conhecemos muito bem: que é a colcha de retalhos e o fuxico. Outra tessitura bastante conhecida entre nós é o tapete de saco de estopa, feito com pedacinhos de retalhos amarrados. Guardo essa imagem bastante viva, era um momento em que nós fazíamos juntas, eu, minhas irmãs e minha mãe. Pensar em “Tessitura de Nós” sugere ações que acontecem no coletivo e que se engrandecem justamente porque se dão no coletivo. Então a própria nomeação do seminário já me seduz porque traz essa imagem do coletivo que a Constância já indicou.

Eu sempre me emociono ao perceber que os textos de minha autoria são apropriados por várias formas de arte. Nesse sentido, quero agradecer a Simone⁴, por ter traduzido o poema “Vozes-Mulheres” em performance do corpo. Um grande desejo meu era ter a arte do corpo, a dança, o canto... Outra grande

⁴ Simone Aparecida do Nascimento, estudante do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UEMG.

frustração que guardo — eu tenho muitas — é o de não ter feito uma carreira acadêmica. Meu doutorado demorou, e várias outras confusões. O que me salva é a literatura. Por isso, fico muito feliz quando artistas como Simone se apropriam de um texto meu, seja poema ou prosa, e traduzem esse texto com o corpo. Porque me possibilita voltar ao sentido das culturas africanas. Nas culturas tradicionais africanas, não existe história se não existir o corpo. O corpo é a própria história. O griot, a música, a performance do griot... E, coincidentemente, a performance de Simone me deu o mote para minha conversa com vocês. Você me trouxe uma ilustração, obrigada!

Eleger o corpo negro, notadamente das mulheres negras, em todas as suas potencialidades, da arte ao fazer cotidiano, inclusive na escrita, é se posicionar contra o apagamento da autoria negra de mulheres. A autoria das mulheres negras tem arrebatado ultimamente com muita veemência. Temos enfrentado um processo de apagamento e de memoricídio. Hoje há um resgate considerável de Maria Firmina dos Reis, como há também uma outra leitura de Carolina Maria de Jesus. E de tantas outras da contemporaneidade que ainda não são conhecidas. Mas o que me interessa particularmente aqui é pensar em que sentido a Escrivivência poderia ser uma forma, um caminho ou uma ferramenta para visibilizar esses textos de mulheres — e muito os textos das mulheres negras.

Uma professora — me perdoa porque me falhou o nome agora — acabou de me dar um livro em que ela trabalha também com o conceito de Escrivivência na área da pedagogia, psicologia social. Tenho observado o conceito de Escrivivência ser aproveitado em várias áreas do conhecimento. Então, rapidamente, talvez vocês já saibam, eu vou falar como surgiu esse conceito. Aliás, ele surgiu como uma ideia. Nem sabia que viraria conceito. Devo essa “saia justa” que me colocaram ao professor Eduardo de Assis, que está ali. Porque agora ele não é culpado, mas... Quando estávamos no *Seminário Mulher e Literatura*, que aconteceu na UERJ, estávamos numa mesa composta por escritoras negras. Estavam nessa mesa Mãe Beata de Iemanjá, Miriam Alves, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro e eu. E quando eu terminei o meu texto, terminei dizendo assim: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los de seus sonos injustos.” E essa ideia foi avolumando. Eu não lembrava exatamente a primeira vez que tinha usado esse termo. Mais uma vez, o professor Eduardo de Assis e a professora Constância me apontaram que

eu tinha desenvolvido essa ideia na minha dissertação de mestrado na PUC-Rio, que foi defendida em 1994.⁵

Escrevivência

Como me surge esse termo? A minha pesquisa de mestrado elegeu poemas de autoria negra, cujo título é “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. Trabalhando com vários poemas, percebi uma fusão e, ao mesmo tempo, uma con(fusão) entre o eu lírico e o construtor do texto, o poeta. E fui lendo, lendo, lendo... e havia justamente uma fusão: a voz do poeta era uma voz que se confundia com o eu lírico. Me surgiu então a seguinte ideia: o sujeito se escrevia se vendo e vivendo. E dessa aglutinação surge a palavra “escrevivência”. Era interessante porque todos aqueles poemas, mesmo quando o eu lírico trazia uma realidade de dor, ao mesmo tempo afirmavam um orgulho étnico muito grande. Trabalhei com poemas criados no final da década de 70 e 80, em que havia uma afirmação muito grande da negritude brasileira. Nós tomávamos como referência os movimentos civis americanos. Inclusive, naquele momento, eu usava black power. Tinha um black inspirado em Angela Davis, que eu comecei a usar aqui em Belo Horizonte. Quero trazer agora a imagem das quatro mulheres que começaram a usar black power aqui em Belo Horizonte. Uma vocês conhecem com certeza: a Zora Tika, a Ana Davis que trabalhava na extinta TV Alterosa, a irmã de Zora, que faleceu, e eu. Então foram décadas que nos permitiram essa afirmação. E aqui surge também uma casa importantíssima: a Casa Dandara, de Diva Moreira.

Nesse mesmo período, está sendo fundado no Rio de Janeiro o *IPCN* — Instituto de Pesquisa das Culturas Negras. E outros núcleos, como o *Agbara Dudu*, também no Rio de Janeiro, uma das fundadoras pensantes do coletivo foi Lélia Gonzalez. É nessa ambiência toda — de assunção da negritude brasileira, marcada pelo movimento da Negritude liderado por Léopold Senghor, Aimé Césaire e outros, pela luta pelos direitos civis dos negros americanos, pelas lutas de libertação das colônias africanas, em particular as colônias portuguesas, dado o fator da língua — que esses poemas que eu trabalhei surgiram. Me permitindo esse jogo: escrevivência surge com essa aglutinação das palavras escrever e viver. Mas fundamenta-se em mais uma outra ideia, que consideramos muito

⁵ EVARISTO. Conceição. **Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasilidade**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2026.

importante. A escrevivência está marcada nessa fala: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los de seus sonos injustos.”

Quando Simone nos traz a performance do poema “Vozes, Mulheres”, que inicia com os versos: “*A voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio*”, tenho insistido muito nesta afirmativa. O que semantiza a ideia de escrevivência é essa imagem histórica e ancestral das mulheres negras escravizadas dentro da Casa Grande. É muito importante realçar essa imagem para pensar a origem semântica e a potência desse conceito. Porque o que nós temos pensado é que as mulheres escravizadas dentro da Casa Grande tinham seus corpos inscritos na economia da produção, porque produziam; na economia da educação, porque eram elas que estavam com as crianças da Casa Grande; na economia do prazer, porque quando o senhor queria tomar o corpo dessas mulheres, tomava. E o que nós temos pensado muito é que até a fala dessas mulheres cumpria uma função dentro desse processo de escravização. Porque quando essas mulheres pegavam as crianças para contar história, não é porque achavam os filhos da Casa Grande bonitinhos, mas porque era uma função da mãe preta enquanto sujeito escravizado.

Aliás, há uma fala muito instigante da professora Denise Carrascosa em que ela diz que as primeiras professoras foram as mulheres negras escravizadas. Contar história para essas crianças era obrigação das mães pretas e estava inscrito no trabalho escravizado. Nesse sentido, até a fala dessas mulheres cumpria uma função de acordo com o mando da Casa Grande, elas tinham que contar história, fazia parte dessa condição de mulheres escravizadas dentro da Casa Grande. Pensar Escrevivência, quando essa frase corre aí, é justamente propor um outro lugar para nossa fala. Se a fala das mulheres escravizadas na Casa Grande era uma fala que cumpria uma função escravizada, a nossa fala, a nossa escrita, não é.

O romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, apesar do enredo tratar de uma história que se passa na Casa Grande, a autora inaugura no romance um novo olhar sobre o continente africano. Mesmo trazendo uma África ficcionalizada, é uma África construída sob o imaginário da liberdade. Então, Escrevivência tem esse sentido originário do qual não abrimos mão. É difícil pensar na área de literatura um conceito que é semantizado por uma noção de ancestralidade e por um fator histórico.

Dessas proposições que consubstanciam o conceito, surgem uma série de perguntas. Escrevivência tem que ser pensada além dessa aglutinação de palavras? É lógico que sim: escrevivência é uma escrita que nasce a partir da vivência. É isso que a gente afirma também. Destacando a origem ancestral e a conjunção histórica. E da vivência particularizada das mulheres negras.

É também um momento em que estamos pensando o nosso fazer literário e lendo nossos textos a partir das perspectivas e das experiências das mulheres negras. É da tessitura do “nós”, mulheres negras, que criamos os nossos textos, que até hoje são olhados meio de soslaio por alguns professores e pesquisadores. Consequentemente, ao refletirmos o conceito de Escrevivência, nós não podemos deslocar esse conceito da história que esse conceito traz, pensado a partir de textos de mulheres negras e das experiências que mulheres negras trazem.

Um dos momentos em que tive oportunidade de pensar e feitura dos nossos textos, foi junto ao Grupo Quilombôje e também quando nós mulheres negras nos encontramos para ler as nossas produções. Trago uma lembrança de um momento em que junto com Miriam Alves e Geni Guimarães, participávamos de um evento literário em 1994, em Viena, minha primeira viagem internacional. Na ocasião, ouvimos o conto “Menina de vermelho a caminho da Lua”, conhecido como “A Bolha”, de Marina Colasanti, em leitura feita pela própria autora. A personagem do conto é uma menina que está numa praça e quer entrar em uma bolha para brincar em um parque de diversão. Nós olhamos uma para a outra e pensamos: que texto bonito... Mas por que esse texto está nos machucando tanto? Vimos que a menina que queria brincar na bolha poderia ser uma de nós, em nossas infâncias cheias de desejos impossibilitados de serem realizados dada a nossa condição social. Se a gente fosse escrever esse texto... Como eu escrevi agora: “Macabéa sou eu”. Eu não podia deixar Macabéa morrer, Macabéa tinha de ser ressuscitada de alguma forma. A nossa experiência como mulheres negras, a nossa subjetividade, nos coloca também num outro lugar na feitura do texto, de composição de personagens e de pensar literatura. Então Escrevivência tem isso tudo.

Outro aspecto: escrevivência pode ser uma escrita de si, pode ser uma autoficção. Mas até um dado momento. Depois a gente vira o jogo. Escrevivência é uma escrita narcísica? Não. Porque se tomarmos o espelho de Narciso para pensar um texto negro, um texto de autoria negra, principalmente de mulheres, o espelho de Narciso nunca aceitou o nosso rosto. Esse elogio da beleza negra vai

nascer das próprias culturas negras. Principalmente nós, mulheres negras, sabemos que o máximo que a sociedade brasileira via na gente era um exotismo. Ou então “as boas de cama”. Nossos cabelos foram considerados feios, quem é da minha geração sabe como sofriamos para alisar nossos cabelos. Nossa boca, nosso nariz, nosso corpo... Beleza não era algo reconhecido no nosso corpo, o máximo era uma beleza exótica. Então o espelho de Narciso nunca acolheu o nosso rosto. E nós temos pensado em buscar elementos das culturas africanas e afro-brasileiras como suporte teórico para leitura dos nossos textos. E isso é possível. Se nós podemos ler um texto literário trabalhando com mitos judaicos, narrativas cristãs, que ampliam o entendimento do texto, podemos também ler os nossos textos cotejando com narrativas africanas, afro-brasileiras e indígenas.

O espelho de Oxum

Pensando nisso, nós encontramos o espelho de Oxum. Oxum, segundo a narrativa mítica, é uma mulher bonita, astuta, dona do ouro, cuida do ventre das mulheres. Portanto, pensar Escrivência é também se reconhecer no espelho de Oxum: um espelho onde você se olha e constrói suas subjetividades, se fortalece, adquire dignidade, se reconhece bonita, inteligente, dona do ouro. E esse espelho não é o espelho europeu que nos deixa fora. O espelho de Narciso leva à morte. O espelho de Oxum é uma arma de guerra. Oxum, quando contempla o espelho, vê a beleza dela, mas vê o inimigo por trás. O espelho se transforma em arma. Por isso, é importante pensar em narrativas míticas que ajudem no entendimento desses textos. Não é que a gente não vá pensar em mitos gregos ou judaicos. Mas é ampliar a leitura. Edmilson de Almeida Pereira há muito tempo vem advogando uma leitura de nossos textos amparada em uma cosmologia africana e afro-brasileira. Além do espelho de Oxum, podemos nos recorrer a um segundo espelho, o de Iemanjá. Iemanjá é conhecida como a orixá que cuida. O espelho de Iemanjá permite uma transição do sujeito que olha para si, como no espelho de Oxum, se descobre, se potencializa e ao se contemplar no espelho de Iemanjá ele vê não somente o próprio reflexo, mas o da coletividade. Nesse sentido, o sujeito da Escrivência é o eu/nós. Nós temos dois espelhos para nos ajudar na compreensão do conceito de Escrivência. Pela diferença existente entre o espelho narcísico e os espelhos potencializadores, constrói-se a diferença entre escrita narcísica e Escrivência.

Creio que uma obra exemplar para diferenciar escrita narcísica de escrevivência, é o livro “A cor da Ternura”, de Geni Guimarães. Parece que ela ficcionaliza a própria vida, mas é impossível ler aquele livro como uma história individual, dada a existência no enredo de um sujeito coletivo. Nesse sentido, fica difícil para o cânone, pensar a escrita de mulheres negras e também a leitura desses textos. E surge a pergunta: “Então uma pessoa branca não pode fazer escrevivência?” Pode. Com muitas limitações. Escrevivência não é o esgotamento de uma história pessoal, não é o mais profundo desabafo, e sim a cumplicidade histórica de um sujeito coletivo. Muitos autores vão levar passagens da vida para o texto pensando estar produzindo a Escrevivência proposta por nós. Mas o que nós percebemos também é que a escrita de grupos subalternizados, grupos excluídos, se aproxima mais do que a gente está pensando como escrevivência.

E eu tenho visto escrita de gays, escrita de mulheres trans, romances homoafetivos. Me parece que a condição subjugada dessas coletividades se aproxima da escrevivência. Mas a gente não deixa de afirmar que Escrevivência nasce a partir de uma perspectiva de mulheres negras. Há mais um dado a acrescentar para a totalidade da percepção do conceito Escrevivência, nossas teorias nascem muito depois da prática.

Sempre conto uma história que se passa aqui em Minas Gerais, na região onde o professor Eduardo de Assis nasceu, Pedro Leopoldo:

“Minha tia me contava que nos anos 20 e 30, cerca de 30 anos após a assinatura da Lei Áurea, os fazendeiros não queriam dar trabalho para as mulheres, alegavam que o trabalho delas renderia menos do que o trabalho dos homens. Essas mulheres já estavam acostumadas a trabalhar na roça, Pensamos que todas as mulheres escravizadas trabalhavam na Casa Grande, mas não, muitas trabalhavam no campo junto com os homens. Mulheres grávidas escravizadas nas minas de ouro, a história oficial é carente dessas e outras informações sobre o processo de escravatura sobre as mulheres. Nesta região de Pedro Leopoldo em que os fazendeiros desacreditavam do rendimento do trabalho das mulheres, elas começaram a trabalhar no mutirão. Aravam, plantavam, faziam tudo juntas. No fim da estação, os fazendeiros perceberam que o trabalho delas rendia tanto quanto o dos homens, ou até mais.”.

Ora: nós temos mulheres negras encontrando formas de enfrentamento a um poder patriarcal e criando estratégias de sobrevivência. Isso não foi escrito. Eu, de vez em quando, falo: eram mulheres que estavam no enfrentamento com

essa sociedade patriarcal. Entretanto, quando a gente pensa na história das mulheres no Brasil, essa é uma parte da história das mulheres brasileiras que ficou desconhecida.

Quer dizer, a gente tem toda uma prática anterior que nunca foi teorizada. Creio que os novos pesquisadores têm uma responsabilidade muito grande em preencher esse silenciamento, pois existe uma lacuna na história das mulheres no Brasil. Essa história que eu estou contando faz parte da história das mulheres no Brasil. Então, temos uma responsabilidade muito grande também e que eu vou usar um termo que eu não gosto muito, de “iluminar”. De iluminar os espaços onde nós estamos presentes, de trazer essa história que foi esquecida, ou que foi até desconhecida.

Porque aí, Constância, eu acho que não é nem uma questão de esquecimento, é uma questão que não foi contada, é um apagamento mesmo. Portanto, o conceito de Escrivivência abarca em si a potência de uma teoria que surge após a prática. E vem extrapolando uma ideia que foi pensada primeiramente no campo da literatura. Reconheço que uma ideia pode ser apropriada de várias formas e como tal eu não tenho nenhum controle, e nem almejo ter. Embora afirme um lugar nascedouro da ideia de Escrivivência, que é da prática literária de uma escritora negra. Eu fico, às vezes, até cheia de uma mitidez muito grande. Porque, assim como nós aprendemos ou pensamos com teorias europeias, com teorias americanas, podemos pensar também com teorias brasileiras, criadas por sujeitos indígenas e por sujeitos negros.

Nomes como Antônio Bispo, com sua experiência quilombola, Leda Martins, não só o Tempo Espiral, mas todo o trabalho para pensar o teatro, para pensar a cultura através da congada, Edimilson de Almeida Pereira, apresentando reflexões críticas para pensar a literatura e a cultura brasileira amparada na cosmogonia negra africana. Podemos abrigar nossos conhecimentos, temos potências, mas é preciso coragem para apresentar nossas ideias e os nossos conhecimentos. Que não são muito valorizados nos espaços acadêmicos. Vocês já estiveram em várias bancas em que há sempre um pesquisador ou mais afirmando que Escrivivência não é um conceito. Entretanto, também há o risco, e não temos como controlar isso, do conceito se tornar um conceito guarda-chuva. Então tudo vira Escrivivência.

A escrevivência como uma possibilidade de criação

Mas o que a gente quer afirmar? Que a escrevivência tem que ser pensada como um conceito que nos revele um coletivo. Isso é importante, porque senão a gente vai cair na escrita do eu. Não que essa possibilidade de criação não possa existir. Não é isso. A escrita do eu é interessante. A autoficção é interessante. Mas não é isso que o conceito está propondo. O conceito permite, além da escrita do eu e da autoficção, uma outra questão: pensar a escrevivência como uma possibilidade de criação.

As pessoas me perguntam assim: “Tudo o que você escreve é o que você viveu?” Ô, gente... eu não tinha condição, né? Ou eu teria endoidado de vez. Ou eu teria mil personalidades. Porque eu seria Maria, eu seria Nida Venga, eu seria Maria Nova... Sou um pouco Maria Nova, né? Eu seria, sei lá, todos esses personagens que estão nas obras. Escrevivência traz também uma possibilidade de ficção. É muito do que eu escrevi em *Becos da Memória* e do que tenho dito sobre a obra: nada que está em *Becos da Memória* é verdade e nada que está em *Becos da Memória* é mentira. Aí todo mundo escolhe o que quiser. Tenho dito: *Becos da Memória* são memórias ficcionalizadas. E são ficcionalizadas justamente por isso, porque a memória tem esse vácuo do esquecimento. Ninguém lembra... eu não me lembro, não é? Mas não estou com Alzheimer, juro que não. Ninguém lembra de um fato exatamente como aconteceu. E ninguém narra um fato exatamente como aconteceu. Você assistiu um desastre aqui: daqui a um minuto você conta de um jeito, depois você vai aumentar ou vai diminuir alguma coisa. Então, o que tem de ficção na escrevivência é justamente uma ficção que pode ser criada e que é criada através de momentos e através de uma experiência direta ou indiretamente vivencial.

Volto a afirmar algo que disse a Eduardo de Assis: eu não faria uma escrevivência a partir de um relato através de uma experiência indígena. Eu não tenho uma experiência como sujeito indígena. Por mais que eu ouça experiências de pessoas indígenas, por mais que eu me compadeça com a luta indígena, com as mulheres indígenas, mesmo eu reconhecendo que a história das mulheres indígenas está muito mais próxima da minha história, ou da história das mulheres negras, do que a história das mulheres colonizadoras. Eu não comporia uma Escrevivência indígena. Eu não tenho essa experiência, minha vivência como mulher negra não me dá essa vivência que eu possa transformar em ficção. Eu poderia ler tudo sobre mulheres indígenas, poderia pesquisar sobre culturas indígenas para criar uma personagem indígena... Poderia fazer uma ficção belíssima, ganhar até um prêmio lá de literatura, posso fazer, não é isso que está em jogo.

Nesse sentido, trago uma fala bastante elucidativa de Miriam Alves. A escritora, apesar de não ter tido a experiência de trabalhar como doméstica, como eu tive, faz a

seguinte afirmativa: quando nós mulheres negras criamos uma personagem que encarna uma doméstica, é como se nós acionássemos uma memória ancestral ou um inconsciente coletivo, é como se estivéssemos dentro do quarto da doméstica criando essa história, olhando para a patroa lá fora. Quando uma mulher que não teve nem por herança ancestral, nem por nada na vida essa experiência, não é que ela não seja capaz de escrever, ela vai escrever e pode escrever muito bem. Mas é como se essa escritora ao criar sua personagem, estivesse na porta do quarto, olhando a personagem lá dentro. É o lugar social que cada uma dessas escritoras ocupa, que lhe permite a criação de personagens tão diferenciadas. Miriam como eu falei, nunca foi doméstica, mas é o lugar social que a subjetividade de Miriam é capaz de acessar para fazer sua criação.

Escrevivência não é só um relato, é uma maneira de ficcionalizar a partir de suas memórias ancestrais. Eu não tenho uma memória ancestral de uma mulher indígena ou cigana, mas posso ler e fazer muito bem. O que se coloca é justamente o espaço subjetivo de uma experiência que pode ser sua, uma que está na sua memória, uma lembrança diluída. Você acessa também na construção dessa ficção. Eu não tenho que necessariamente ter sofrido um assalto no ônibus e ter sido linchada como Maria. Quando eu criei a personagem Maria, ou quando a narradora de Macabéia, ressuscita Macabéia, é porque a minha subjetividade se Macabéia morrer é porque eu estou morrendo também. Era preciso dar essa pulsão de vida para Macabéia. Então Escrevivência tem todas essas camadas, é também um pensamento sofisticado e não é fácil de entender. Hoje o conceito de Escrevivência tem sido apropriado em várias áreas do saber, isso possibilita que o nosso conhecimento e a nossa escrita sejam colocados nas mais diversas áreas de pesquisa e de trabalho.

Relatos de Nós

Preciso narrar uma experiência advinda do meu contato com psicólogos no curso que tenho ministrado na UFF. Um profissional me afirmou como o conceito de Escrevivência serviu como chave de mudança para a sua prática de consultório, relatando o seguinte fato: ao atender um paciente em surto, no desenrolar da conversa entre ele e o paciente, ele teve a percepção que o paciente estava com fome. O psicólogo resolve oferecer alimento para o paciente, que após se alimentar se torna capaz de manter um diálogo mais tranquilo. O psicólogo disse “o conceito de escrevivência me ajudou”. A outro relato, de um juiz, que afirmou: “após a leitura do livro *Olhos d’água*, eu passei a olhar o réu de uma outra forma, eu só olhava pro sujeito criminoso, mais nada”.

Nós que somos da Educação temos a possibilidade de pensar o conceito de Escrivência como suporte teórico para construção de nossos textos pedagógicos. E para compreensão dos textos produzidos pelos alunos, neste caso, servindo de “chave de leitura” e mesmo como compreensão de modos diversos de apropriação da língua portuguesa na escrita e na fala, na medida que o conceito amplia o nosso entendimento sobre língua e linguagem.

Um menino nordestino, no seu processo de aprendizagem na escola, que sofre discriminação, por qualquer motivo, ele não é um menino nordestino que sofre discriminação, ele é uma coletividade nordestina que sofre discriminação.

A escrevivência aponta para isso.



Foto 1. Olhos D'Água.



Foto 2. Becos de Memória.



Foto 3. Literatura Negra: uma Poética de Nossa Afro-Brasildade.

Capas de livros de Conceição Evaristo. Pallas Editora. Fontes. Google Search. 06.07.2026.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

EVARISTO, Conceição. *Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasildade*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, [1994] 2026.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: *Cadernos Negros* 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990. p. 32-33. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/6/16/vozes-mulheres>

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. Ilustrações Saritah Barboza. 2. ed. São Paulo: FTD, 1998, (Coleção canto jovem).

REIS, Maria Firmino dos. *Úrsula*. Florianópolis: Mulheres, [1859] 2004.